

# REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇA SAUDÁVEL NO JORNAL *O EXEMPLO* (PORTO ALEGRE/RS, 1929)

Ricardo Costa de Sousa\*  
Eduardo Cristiano Hass da Silva\*\*

RESUMO: O presente texto mapeia e analisa as representações de criança saudável inscritas no jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, assinadas pelo Doutor Adayr em 1929. A investigação se insere no campo da História da Educação, propondo algumas aproximações com a História da Saúde e das Doenças, fundamentando-se na História Cultural. A análise do *corpus* empírico demonstra que as representações de criança saudável estão pautadas sobre ideias que as entendem como seres biológicos, que devem estar/seguir padrões específicos.

PALAVRAS-CHAVE: História da Infância; Jornal *O Exemplo*; Representações; Criança Saudável.

## Representations of healthy child in the newspaper *O Exemplo* (Porto Alegre / RS, 1929)

ABSTRACT: The text analyzes the representations of healthy children inscribed in the newspaper *O Exemplo*, from Porto Alegre, Rio Grande do Sul, signed by Doctor Adayr. The investigation is part of the field of History of Education, proposing some approximations with the History of Health and Diseases, based on Cultural History. The analysis of the empirical corpus allowed demonstrate that the representations of healthy children are based on ideas that understand them as biological beings, which must be/follow specific standards.

KEYWORDS: Childhood History; Jornal *O Exemplo*; Representations; Healthy Child.

## Representaciones de niños sanos en el periódico *O Exemplo* (Porto Alegre / RS, 1929)

RESUMEN: El texto mapea y analiza las representaciones de niños sanos inscritas en el periódico *O Exemplo*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, firmado por el Doctor Adayr. La investigación se enmarca en el campo de la Historia de la Educación, proponiendo algunas aproximaciones con la Historia de la Salud y de las Enfermedades, a partir de la Historia Cultural. El análisis del corpus empírico demuestran que las representaciones de los niños sanos se basan en ideas que los entienden como seres biológicos, que deben ser/seguir normas específicas.

PALABRAS LLAVE: Historia de la Infancia; El diario *Ejemplo*; Representaciones; Niño Sano.

\*Pós-doutor em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, doutor e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é Professor adjunto do Departamento Acadêmico de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia. Contato: Av. Pres. Dutra, 2965, Olaria, CEP: 76801-058, Porto Velho-RO, Brasil. E-mail: ricardo.sousa@unir.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1189-6079>

\*\*Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente é professor do curso de Turismo da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: Campus Universitário Lagoa Nova, Caixa postal 1524, CEP 59078-900, Natal-RN, Brasil. E-mail: eduardohass.he@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3906-5448>

## Introdução

O presente artigo visa mapear e analisar as representações de criança saudável inscritas no jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, assinadas pelo Doutor Adayr<sup>1</sup>. Para esta análise, identificamos 14 textos voltados para questões sobre educação, saúde e infância, todas assinadas pelo colaborador Doutor Adayr, em edições referentes ao primeiro semestre de 1929. Considerando que estes textos não foram objeto de estudo, emergiu a problemática desta investigação: quais as representações de criança saudável inscritas no jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre/RS, em 1929?

Para responder à questão formulada, é importante apresentar o referencial teórico mobilizado para a análise dos textos de *O Exemplo*. De forma geral, o presente texto se insere no campo da História da Educação e propondo algumas aproximações com a História da Saúde e das Doenças, fundamentando-se na História Cultural, referencial teórico-metodológico mobilizado para a análise dos textos escritos pelo Doutor Adayr.

Com a finalidade de situar a análise, procurou-se historicizar brevemente o que diz Peter Burke<sup>2</sup> sobre a História Cultural. Para ele, existem significativas dificuldades em propor uma delimitação para o campo, em especial, devido à variedade de estudos e temas apresentados nos últimos anos. De acordo com o autor, embora já fosse praticada há mais de 200 anos, foi na década de 1970 que a História Cultural foi redescoberta recebendo forte influência e importantes contribuições da tradição francesa dos *Annales*<sup>3</sup>. Ao longo das décadas de 1960 e 1990 o campo se aproximou da Antropologia, tomando emprestados diferentes termos e conceitos dos antropólogos. Essa nova configuração da História Cultural permitiu apresentar explicações culturais para fenômenos até então vistos apenas como políticos ou econômicos, ampliando os estudos a partir da ideia de cultura. Dessa forma, ao longo dos anos 1980 a História Cultural leva a um alargamento dos temas investigados, permitindo a realização de estudos como este, que toma a infância e a saúde como temas centrais.

Nesse sentido, entende-se a História Cultural não como uma história do pensamento ou intelectual, nem como uma história da cultura centrada em correntes expressivas, mas como uma forma de pensar a cultura enquanto um conjunto de significados que são construídos e partilhados pelo ser humano. Dessa forma, a História Cultural e os historiadores culturais possuem como terreno comum a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Logo,

não está preocupada com a busca de verdades definitivas, mas de narrativas de realidade possíveis, pautando-se em conceitos como representação, imaginário, narrativa, ficção e sensibilidades.

Neste texto, procurou-se mobilizar o conceito de representação, fundamentando-o, sobretudo, em Roger Chartier. De acordo com o autor, as “representações são esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”<sup>4</sup>. Nessa direção, o texto visa identificar as figuras de infância e saúde representadas pelos esquemas intelectuais expressos em *O Exemplo*.

A mobilização deste conceito sugere poder construir uma História possível das relações entre infância e saúde, uma vez que, conforme afirma Chartier, “a noção de representação não está longe do real nem do social. Ela ajuda os historiadores a desfazerem-se de sua ‘muito pobre ideia do real’ [...]”<sup>5</sup>. Visando identificar quais as representações de saúde infantil inscritas no jornal *O Exemplo*, os exemplares do periódico foram lidos<sup>6</sup>, transcritos e analisados, conforme demonstrado na sequência.

### **A imprensa como horizonte de discussão da História da Educação, da Infância e da Saúde: o caso particular do jornal *O Exemplo***

O jornal *O Exemplo* se situa como um impresso potente para as pesquisas históricas, isso porque abarca uma série de textos escritos pela editoria e por seus colaboradores sobre as preocupações de uma época<sup>7</sup>. O que significa dizer que a editoria deste impresso não desconhecia as formas e ou mecanismos de fazer circular suas ideias. E, sobre isso cabe escrever que, a imprensa francesa indica possíveis *insights* para análise da imprensa brasileira, representada, aqui, pelo estudo, pesquisa, reflexão e discussão do referido impresso com atenção especial para as representações de saúde infantil assinadas pelo colaborador Doutor Adayr.

Para tratar, então, da imprensa, ou seja, sobre a Revolução impressa na França entre 1775 e 1800, Pophin<sup>8</sup> identifica um projeto ambicioso para registrar na História a “libertação da imprensa” no período da Revolução Francesa. Esse empreendimento produziu diversos registros, a exemplo dos jornais. E, sobre isso, seu interesse residia em saber de que modo a difusão desses jornais se apresentavam ao público leitor durante a Revolução.

A Revolução Francesa foi um marco na discussão sobre a liberdade de imprensa, sobretudo com a divulgação de mensagens revolucionárias na vida cotidiana francesa. Os jornais, apesar de sua efemeridade, se situam em destaque frente a outros impressos, como o livro e o almanaque, por sua capacidade de atingirem um público leitor mais amplo<sup>9</sup>. A imprensa revolucionária foi reconhecida como uma instituição que ajudou a estruturar e legitimar “o mundo da cultura política francesa”. Pophin recorre a J. P. Brissot e comunga do seu entendimento quando ressalta que a liberdade de imprensa vai além de um programa de reformas, afirmando ainda que a “imprensa era o único meio de instituir a soberania popular”. Nesse sentido, J. P. Brissot menciona três noções fundamentais sobre esse aspecto: a primeira, de que “os jornais iriam permitir a condução do debate público numa escala nacional”; a segunda, de que eles, os jornais, “iriam tornar possível a transmissão contínua das opiniões do público para seus representantes eleitos”; e, por último, de que os jornais “iriam possibilitar o esclarecimento dos eleitores por parte dos líderes intelectuais”<sup>10</sup>.

Os elementos apresentados por Pophinsão um indicativo rico em informações que sintonizam com os anseios da editoria do jornal *O Exemplo*, impresso brasileiro que circulou no final do século XIX, o qual não desconhecia a luta revolucionária pela legitimação política francesa, continuamente rememorada pela imprensa de sua época. Soma-se a essa questão política, a realidade vivida no Brasil, com destaque para os aspectos sociais, culturais e econômicos que remodelaram práticas do cotidiano da população negra inserida em uma nova ordem republicana e pós-escravista.

Nessa perspectiva, *O Exemplo* se estabelece como um testemunho das temáticas políticas de sua época, da dinâmica do país diante da realidade republicana, das novas configurações do mundo do trabalho decorrentes da abolição e da formação de seu povo. Por esses indicativos, dentre outros, *O Exemplo* demonstra seu potencial como documento histórico para este escrito. Pois, não é demais apressada a afirmativa de que a imprensa brasileira se construiu à sombra de um modelo europeu. Tal correspondência é possível identificar na produção de Luca quando assegura que o século XIX “foi marcado pela forte presença dos impressos de caráter político”, dada sua importância na luta pela Independência do Brasil e, principalmente, dada “na crise aberta com a abdicação de D. Pedro I, em 1831, ou no movimento em prol da Abolição, enquanto a subsequente atualização tecnológica apontou para a transição rumo ao mercado”<sup>11</sup>.

A imprensa brasileira, então, emergiu de forma sistemática a partir de 1808, com a chegada da Corte portuguesa e a instalação da primeira Tipografia de Impressão Régia. A imprensa no Brasil, em meio a desejos e aspirações, recusas e aceites, se firma como programa definido, carregado de interesses diversos, respondendo a demandas de seu contexto. Assim, os jornais não deixaram de se constituir em espaços privilegiados de luta simbólica. Pois, “não por acaso, os vários órgãos da grande imprensa distinguem-se pelo seu matiz ideológico, expresso nas causas que abraçavam, na auto-imagem que se esforçavam por construir e no público que pretendiam atingir”<sup>12</sup>. Assim, o jornal *O Exemplo*, em suas primeiras edições, e a historiografia gaúcha, afirmam que ele era dirigido à população de cor de Porto Alegre, comunidade de leitura privilegiada pelo impresso, embora não exclusiva que abarcam o período de 1892 a 1930 (com interrupções e lacunas em algumas das edições). Em alguns momentos se apresenta com um tom conservador, em outros, progressista. Mais, ao fim e ao cabo, a análise sinaliza que eles estão imersos e foram influenciados pelos princípios positivistas da época, ou seja, como sugere Corsetti<sup>13</sup>, eles estão imersos em uma cultura política e educacional que marcou a história da educação no Rio Grande do Sul.

Para situar o jornal *O Exemplo*, cabe apresentar o primeiro número do impresso, que diz: “surge hoje na vasta arena da imprensa *O Exemplo* que, nascido de uma dessas elevações do espírito tão peculiares à mocidade, é lançado aos [arautos] da publicidade a impetrar o último lugar nos domínios do jornalismo da capital”. Em seguida, na mesma edição, consta que “o nosso programa é simples e podemos exaltá-lo em duas palavras: a defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos medíocres conhecimentos”<sup>14</sup>. É esse aperfeiçoamento do público leitor que a editoria e seus colaboradores perseguiram nas edições subsequentes, como fez o colaborador Doutor Adayr.

A denominação *O Exemplo* sugere uma diversidade de questões. Contudo, um elemento convém destacar: o propósito de ser um exemplo para seus leitores. No texto intitulado “Subiremos ou nos precipitaremos no abismo?”, informa que esse impresso vinha a preencher uma grande lacuna, pois “há muito que a nossa classe ressentia-se da falta de um periódico capaz de elogiar-lhe as virtudes e estigmatizar os vícios”<sup>15</sup>. Esse excerto é elucidativo, porque coloca em destaque não somente os vícios, de forma especial dos “homens de cor”, como também suas qualidades intelectuais. Ademais, sugeria que estes necessitavam apenas de incentivo por parte de sua comunidade de origem para se inserirem em um novo modelo de sociedade.

Conforme aponta Sousa<sup>16</sup>, ao longo de sua existência, a equipe do jornal contou com diversos cargos e representantes, como redator-chefe, diretor-gerente, redator, gerente, diretor da redação e secretário. Além disso, cabe destacar que, nem sempre o periódico possuía todas essas funções, sendo que algumas são concomitantes e outras sucessivas. No ano das edições analisadas nesta investigação, aparece como redator-chefe o Dr. Arnaldo Dutra, como gerente Clemente Gonçalves de Oliveira e João B. Figueiredo, como diretor da redação Dario Bittencour e, como secretário, Antonio Gonzaga.

Vieira e Zubaran<sup>17</sup> inscrevem o jornal *O Exemplo* como sendo da Imprensa Negra e afirmam que este impresso é um registro da história da comunidade negra em Porto Alegre. Por esse motivo, ele é considerado um testemunho de inestimável valor histórico e cultural. Assim, tomado como documento, escrito por um grupo editorial majoritariamente negro, pelo menos em suas primeiras fases, apresentava como objetivo recorrentemente em suas edições “o levantamento de sua classe”.

Para levar esse empreendimento à frente, os editores do jornal *O Exemplo* procuravam agrupar pessoas com os mesmos interesses. E, dentre os interessados é possível destacar o protagonismo do colaborador Doutor Adayr. A partir das produções aqui apresentadas é possível afirmar que o jornal *O Exemplo* foi objeto de estudo de vários pesquisadores que tratam de temas diversos, mas ancorados ao pós-abolição: a inserção do negro na sociedade, a discriminação e o preconceito de raça. No entanto, ao folhear as páginas do periódico, foi possível observar sua potência para outras temáticas, tal como pelo viés da saúde e da infância, sob a perspectiva da História da Educação.

A complexidade do fenômeno educativo permite que ele seja analisado a partir de diferentes campos científicos e referências teóricas, especialmente pela História da Educação que, de acordo com as pesquisadoras Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos<sup>18</sup>, pode ser compreendida como uma disciplina de formação e como um campo de pesquisa.

Enquanto campo de pesquisa, a História da Educação não é uma ciência à parte, uma vez que não possui um campo analítico exclusivo, estando seu potencial teórico e metodológico justamente no fato de encontrar-se em uma área de intersecção entre a História e a Educação. O caráter de fronteira do campo histórico educativo é reforçado por Justino Pereira de Magalhães<sup>19</sup>, que entende a História da Educação como parte das Ciências da Educação e como matriz interdisciplinar que se fundamenta na polissemia e na complexidade do conceito de Educação.

Considerando o caráter de fronteira da História da Educação, é possível identificar que o campo preocupa-se com uma série de temas e objetos de pesquisa, como: a história do ensino; a história dos livros, impressos e manuais didáticos; a história das práticas de escrita e leitura; a história das crianças, das infâncias, dos jovens e das mulheres; a história das instituições educativas escolares e não-escolares; a história das modalidades e dos sistemas educativos; a história do currículo e das reformas educativas; entre outros<sup>20</sup>.

A partir dos diversos temas e objetos apresentados, é possível afirmar que a História da Educação não se preocupa apenas com os fenômenos educativos ligados à instituição escola. Neste estudo, tomou-se como análise as representações de um discurso médico particular, do Doutor Adair, para a saúde infantil apresentadas no periódico *O Exemplo*, que circulou no estado do Rio Grande de Sul e em outros estados da federação como Pernambuco, Maranhão e São Paulo.

Neste escrito, infância e criança não são tomados como sinônimos, sendo que ambas se encontram representadas em *O Exemplo*. Enquanto a ideia de criança está relacionada a aspectos biológicos, a infância é entendida como uma construção social e histórica que, de acordo com o historiador Philippe Ariès<sup>21</sup>, embora seja definida no século XVII, tem sua emergência no final da Idade Média. Até os séculos X e XI, a arte medieval desconhecia a infância, sendo provável que ela não ocupasse um lugar especial neste mundo.

A partir da análise de diferentes iluminuras medievais, Ariès<sup>22</sup> observa que, entre os séculos XII e XIII, emerge a representação de criança como adulto em miniatura. Entre os séculos XIII e XVIII, as representações de criança passam por uma série de modificações, sendo que, apenas no século XVII observa-se a presença de um sentimento específico voltado para a criança, que deixa de ser vista como um adulto em miniatura, como um ser humano que vive a infância.

Durante o século XVII, o Brasil ainda não existia enquanto Estado, sendo uma colônia de Portugal. De acordo com Sousa<sup>23</sup>, na América Portuguesa, a infância era dividida em basicamente três momentos: dos 0 aos 3 anos, chamado período da criação no qual a criança era amamentada pela mãe ou ama de leite; dos 4 aos 7 anos, a segunda etapa no qual a criança acompanhava a vida dos adultos e por fim, a partir dos 7 anos a criança de famílias plebeias, geralmente começavam a aprender algum ofício, seja como artesões, mecânicos, ou iniciavam seus trabalhos na lavoura.

Ao longo dos séculos, as concepções sobre infância variaram, de acordo com as alterações sofridas pelas sociedades. Estas mudanças são acompanhadas com preocupações específicas para com os sujeitos que vivenciam esta fase da vida, como a educação, o brincar e os brinquedos, as suas roupas, suas representações, saúde, entre tantas outras. Tais referências expostas, situadas no campo da História da Educação, se aproximam da História da Saúde e das Doenças.

De acordo com a Associação Nacional de História<sup>24</sup>, a partir dos anos 1970, a abertura histórica para novos objetos ampliou as investigações relacionadas à problemática do corpo, da morte, da sexualidade e das doenças. Considerando a historicidade dos conceitos de saúde e doença, novas possibilidades de investigação emergiram, tomando as relações que estes conceitos estabelecem com saberes, práticas, instituições e representações. Estes estudos permitiram a configuração de um campo de estudos específico, com identidade própria, a História da Saúde e das Doenças.

A aproximação entre a História da Educação e a História da Saúde e das Doenças está fundamentada na História Cultural. E, então, a partir desse fundamento que tomou-se o conceito de representação, sobretudo em Roger Chartier<sup>25</sup> para identificar as representações de saúde infantil inscritas no Jornal *O Exemplo*, conforme será demonstrado na sequência.

### **Representações de criança saudável em *O Exemplo*, 1929**

Considerando a problemática apresentada, bem como o referencial teórico-metodológico mobilizados para esta análise, tomou-se os catorze (14) textos, sendo a totalidade, localizadas sob o tema aqui proposto, escritos pelo Doutor Adayr<sup>26</sup> e publicados entre 02 de janeiro de 1929 a 27 de maio de 1929, pelo jornal *O Exemplo*, da cidade de Porto Alegre/RS<sup>27</sup>. Logo, não se trata de uma escolha aleatória, mas sim, de registrar, de colocar em relevo as contribuições do Doutor Adayr para com a saúde da criança. Ao que tudo indica, para as crianças de cor.

O jornal *O Exemplo* se encontra salvaguardado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) sob duas formas, no estado físico e digital. Em relação ao estado físico do referido impresso, dada a avançada condição de deterioração e da impossibilidade, na época, 2018, de manuseá-lo, a direção sugeriu a pesquisa no *site* do instituto, em que se encontra salvaguardado o referido impresso, estando disponíveis a década de 1920, período

esse em que consta os textos do Doutor Adayr<sup>28</sup>. Na sequência, o Quadro 1 sistematiza as datas, paginação, edição, autoria e título dos textos.

**Quadro 1** – Textos publicados no jornal *O Exemplo*

<b>Data</b>	<b>Página</b>	<b>Edição</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>
02/01/1929	12	01	Dout° Adayr	Como dormirão os nossos filhos
25/01/1929	02	04	Dout° Adayr	Como brincarão vossos filhos
04/02/1929	02	05	Dout° Adayr	Como passearão vossos filhos
11/02/1929	02	06	Dout° Adayr	Como vestireis vossos filhos
18/02/1929	02	07	Dout° Adayr	Como educareis vossos filhos
25/02/1929	01	08	Dout° Adayr	O exame médico periódico e a criança
04/03/1929	01	09	Dout° Adayr	A regulamentação do meretrício
11/03/1929	01	10	Dout° Adayr	A hospitalização do tuberculoso
15/04/1929	01	14	Dout° Adayr	Nova orientação à educação sanitária
22/04/1929	01	15	Dout° Adayr	A cocaína
29/04/1929	01	16	Dout° Adayr	A morfina
13/05/1929	02-03	17	Dout° Adayr	A grandeza da raça
20/05/1929	01	18	Dout° Adayr	A higiene na escola primária
27/05/1929	02	19	Dout° Adayr	Profilaxia escolar

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

A análise do Quadro 1 permite algumas observações. Inicialmente, destaca-se que todos os textos são do mesmo autor, o Doutor Adayr. Os títulos oferecem alguns elementos para pensar o todo abordado. Conforme pode-se observar, dentre as preocupações inscritas nos textos do médico, voltadas especificamente para a infância, estão o dormir, o brincar, o vestir, e o educar, pensados a partir da higiene e da saúde, bem como as questões ligadas à higiene e à profilaxia escolar. Além disso, observa-se questões voltadas para o regulamento dos comportamentos dos jovens, como o meretrício (diretamente relacionado às doenças venéreas) e os vícios (consumo de cocaína e morfina), bem como uma preocupação geral em relação à raça.

De forma geral, identifica-se que as representações de criança saudável estão pautadas sobre ideias que as entendem como seres biológicos, que devem estar/seguir alguns padrões específicos. A análise do material permitiu a emergência de diferentes representações de crianças saudável, sendo elas: a criança com noites bem dormidas, a criança bem vestida, a criança comportada/educada, a criança bem acompanhada, a criança que bem brinca, a criança asseada e a criança nutrida e com bom físico.

As representações identificadas não são estanques, não sendo nosso objetivo estabelecer os limites entre umas e outras. Elas encontram-se relacionadas, estando, muitas vezes, imbricadas umas nas outras. Além disso, embora os textos publicados possam centrar mais em uma ou outra delas, todas apresentam elementos de mais de uma. Sendo assim, a análise destas representações visa a construção de uma narrativa que possa demonstrar como eram concebidas tais representações na escrita do médico Adayr.

Uma das primeiras representações de criança saudável a emergir é a da “criança com noites bem dormidas”. Esta representação perpassa diferentes textos do autor, especialmente “Como dormirão os nossos filhos”, “Como passearão vossos filhos” e “Como vestireis vossos filhos”. Pode-se observar que, os títulos dos três textos do médico sugerem indicações de como os pais deverão orientar seus filhos sobre dormir, passear e se vestir. Essa intenção do autor é reforçada pelo caráter de diálogo empregado ao longo do texto, conforme pode-se identificar: “e quanto aos detalhes de cada um dos pontos que me referi hoje, cabe a vós, mães, adaptar as exigências da higiene as possibilidades que as vossas condições econômicas e as de saúde de vossos filhos”<sup>29</sup>.

Além do caráter de diálogo estabelecido com seu leitor, o trecho destacado permite identificar o público ao qual o médico Adayr se dirige, as mães. Essa preocupação se insere dentro do contexto de uma sociedade que procura estabelecer e demarcar os papéis de gênero. A esse respeito, Guacira Lopes Louro<sup>30</sup> observou que, nas últimas décadas do século XIX, a necessidade de educação para as mulheres vincula-se à modernização da sociedade, à higienização da família e à construção da cidadania dos jovens. Sendo assim, os escritos do médico Adayr podem ser compreendidos como parte do processo educativo não-escolarizado de mulheres esposas e, em especial, mães<sup>31</sup>.

Mas em que consiste esta criança saudável com noites bem dormidas? Para o médico, a criança saudável é aquela que dorme uma quantia de horas específicas que, embora possa ser adaptada, é apresentada de forma enfática. Às crianças de até um ano de idade, seriam necessárias 12 horas de sono; para aquelas entre um e quatro anos onze horas; para o período entre quatro e seis anos, 10 horas e; do sexto ano em diante, caberiam nove horas de sono<sup>32</sup>. No entanto, não são apenas as horas de sono que constituem uma criança saudável. Adayr destaca outros aspectos, como o quarto:

E assim, a respeito do quarto, por exemplo, procurareis preencher, tanto quanto possível as condições a que me refiro. Antes de mais nada, será o mais amplo

possível e terá ventilação direta; será caiado, pelo menos duas vezes no ano, devendo ser o mais seco possível

[...]

A criança não deve dormir num leito comum a outras pessoas [...]. E porque, além de outros inconvenientes, esse hábito tão arraigado no nosso povo, concorre para a transmissão das moléstias contagiosas, chegando em alguns casos a constituir um meio de formidável expansão das epidemias<sup>33</sup>

De acordo com o médico, além do número de horas de sono tido como certo, as noites bem dormidas dependiam também do quarto. Embora compreenda que não seja possível para todos, o médico afirma que o quarto precisaria ser amplo, arejado e seco. Além destas condições de caráter físico do quarto, Adair entendia que as crianças não deveriam dividir o quarto com outras pessoas, uma vez que, “além de outros inconvenientes”, tal hábito poderia reverberar na disseminação de doenças. Embora não aprofunde quais seriam os “outros inconvenientes”, podemos considerar que estaria relacionado à vida sexual do casal.

O autor relaciona diretamente as noites mal dormidas a problemas de saúde, entendendo que “sem um perfeito repouso, durante a noite, a criança desperta, pela manhã, manifestando mal-estar, [...], e, pela repetição do fato, o sistema nervoso tem alterada a função”<sup>34</sup>. Em contraposição a estes problemas gerados por noites mal dormidas, as noites bem dormidas permitirão “uma nova sorte de alimento em que o vosso filho há de haurir princípios vitalizantes capazes de fazê-lo sadio, forte e, no futuro, útil à realização de todos os supremos ideias da raça e da espécie”<sup>35</sup>. Além do sono das noites bem dormidas, o autor destaca a importância do repouso durante o dia, sobretudo após os passeios, entendendo que, para que “os bons efeitos dessa prática se façam notar, bastam dez ou quinze minutos de descanso, na posição horizontal, sendo recomendada a respiração profunda”<sup>36</sup>.

Relacionada à representação da criança com noites bem dormidas, está a da “criança bem vestida”. Assim como as atividades diárias, o sono também requer uma vestimenta específica, tornando as crianças saudáveis:

Em falando sobre o sono, tive a ocasião de dizer aqui que a criança deve levar, ao deitar-se, uma vestimenta ampla, que não lhe impeça os movimentos. E, generalizando, hoje digo que esse é o tipo ideal de vestimenta para a criança, para o ser por excelência cuja vida se manifesta no movimento, o revelador esplendido de energias latentes que buscam, no organismo infantil, uma expansão completa<sup>37</sup>

Conforme é possível identificar, seja no sono ou na vida em geral, a criança saudável é aquela que também é bem vestida. De acordo com as concepções do médico, o bem vestir requer vestimentas amplas, que não impeçam a criança de movimentar-se, sendo o

movimento a expressão por excelência da criança. Assim como para o sono, o autor faz apontamentos diretos e específicos sobre os tecidos a serem ou não utilizados pela criança:

Para o vestuário da noite, costume recomendar, sempre, os tecidos de linho, ou os de algodão, todos bem leves.

[...]

Assim, serão banidos do vestuário noturno do vosso filho, por serem incômodos e prejudiciais, os tecidos de lã, as pelúcias, etc.

[...]

A criança ao deitar, vestirá uma roupa fina, leve e não muito justa ao corpo; é preciso que ele, ao adormecer, não sinta mal-estar algum e que possa mover-se a vontade<sup>38</sup>.

É possível observar que a criança bem vestida e a criança com noites bem dormidas estão diretamente relacionadas, uma vez que, o bem dormir, requer vestimentas específicas que permitam que o sujeito em desenvolvimento possa movimentar-se e sentir-se confortável. Assim como para o sono, no qual estabelece um número específico de horas para dormir, de acordo com as diferentes idades, o vestir também é apresentado de forma sistemática e metódica: “Porque também no vestuário da criança, é necessária a observância fiel de um método apropriado, que venha satisfazer as necessidades do pequeno organismo, nas condições intrínsecas e extrínsecas de vida em que este se encontra”<sup>39</sup>.

Considerando as proposições de Chartier<sup>40</sup>, entende-se que essas representações permitem decifrar o outro, propondo possíveis leituras sobre o passado e as suas concepções de criança saudável. As palavras do médico Adair são perpassadas por elementos do discurso médico de uma época. Ao longo das suas colocações, emergem as preocupações em relação ao higienismo e a infância. E, sobre isso, Barrán<sup>41</sup> assegura que até os anos 30 do século XX, tudo que se referia à questão higiênica foi considerada matéria e objeto da medicina higienista. Mesmo se referindo ao Uruguai, país vizinho, o discurso corrente era que somente os médicos saberiam erradicar as doenças o que possibilitaria uma sociedade saudável. Pois, para o autor, a higiene era compreendida como uma ciência do cuidado e, principalmente, da preservação da saúde.

Se, por um lado, Barrán<sup>42</sup> afirma que preservar a saúde deveria ser o princípio básico da existência humana; por outro lado, ele afirma que, o desejo de ser saudável se reflete no desejar o prolongamento de sua vida. Nesse sentido, os médicos higienistas se sentiam imbuídos da missão de conduzir o ser humano e prepará-los através da lei e da educação para uma vida saudável. Essa missão foi adiante a partir de um número significativo de estudos que tratam do higienismo na sociedade moderna ancorado sob duas perspectivas: a primeira,

da inserção dos higienistas como instrumento do estado; a segunda, com a inserção do saber e do poder médico no seio familiar. Dessa forma, o discurso médico de Aldayr sobre a infância fica evidente no seguinte excerto:

Uma das questões mais importantes a tratar, em se estudando a higiene infantil, é a do vestuário da criança. Razões, que dizem a respeito ao clima da região, à estação do ano, à constituição da criança e a outros elementos vem a campo e se opõem ou associam, formando um todo de difícil estudo para quem, pouco familiarizado com os assuntos relativos à higiene, se abalança a investigá-los e a tirar-lhes proventos lícitos<sup>43</sup>.

O excerto indica as preocupações com o vestuário infantil e se encontram atreladas a problemática da higiene infantil. O médico apresenta discussões sobre a influência do clima da região, das estações do ano e da constituição das crianças para legitimar seus argumentos sobre o bem vestir. Esses elementos parecem reforçar o discurso médico atrelado às concepções de higiene do primeiro quartel do século XX.

À criança bem vestida, relaciona-se a criança que bem brinca, sendo que, para Adayr, ambas as concepções são marcadas pela simplicidade: “Vossos filhos deverão ser simples em tudo, no vestiário, nos brinquedos, no trabalho, a fim de que sejam afastados deles a ideia obscedante do luxo, que tão frequentemente termina nas manias de grandezas”<sup>44</sup>.

As manias de grandeza são condenáveis, tanto na vestimenta quanto no brincar. Além disso, a criança que bem brinca é entendida como aquela que escolhe o seu brinquedo, que sente alegria ao brincar, que repousa durante o período de férias e, ainda, que realiza passeios<sup>45</sup>.

É importante destacar que, conforme apontam Silva, Brito e Aguiar<sup>46</sup>, ao analisarem um conjunto de brinquedos musealizados, no início do século XX, abordam que a cultura lúdica do brincar é permeada por brinquedos que, de alguma forma, refletem a vida do mundo social adulto. Em seus estudos, os autores e a autora identificam a presença de brinquedos como arados, animais da vida no campo, máquinas de costura, ferros de passar, fogões à lenha, entre outros.

Em relação aos passeios, emergem como elementos importantes para a criança que bem brinca, desde que sigam os preceitos estabelecidos pelo médico:

O passeio é tão necessário a conservação da saúde da criança quanto o banho ou o sono. Ele é, no entanto, unicamente, quando praticado de acordo com certas regras que a higiene estabelece e que os apresentam, não como necessárias, e sim como indispensáveis. Sem esse cuidado, ao invés de produzir benefício, pode tornar-se inútil e mesmo pernicioso<sup>47</sup>.

Mais uma vez, o autor recorre às proposições de higiene para fundamentar a importância dos passeios como parte do brincar, sendo eles “tão necessários quando o banho ou o sono”. Além disso, estes passeios precisam seguir cuidados específicos, caso contrário, tornam-se prejudiciais à saúde das crianças ou, até mesmo, pecaminosos. O passeio permite articular que bem brinca à criança bem acompanhada: “em oposição ao caso do recreio, o passeio pode ser feito em grupos de crianças, devendo estas serem acompanhadas de um adulto que será o seu vigiante<sup>48</sup>. Além do passeio, a criança deve estar bem acompanhada também no recreio:

Considerareis também as companhias como fator suscetível de influir grandemente sobre a saúde dos vossos filhos, durante o recreio. E desse modo, evitaremos que o menino brinque em companhia de pequenos portadores de moléstias contagiosas e principalmente se o vosso filho for débil de constituição<sup>49</sup>.

Adayr compreende as boas companhias a partir de questões atravessadas pela ideia de higiene, uma vez que, o contato com crianças doentes permitiria a propagação de moléstias. Estas concepções de higiene perpassam ainda outras das representações de criança saudável, em especial a da criança bem asseada e a da criança nutrida e com bom físico.

Em relação à criança bem asseada, o médico afirma que “será também indispensável o máximo asseio nas roupas do menino, para que possam proporcionar a este, a par do conforto necessário, um verdadeiro meio de defesa contra infecções várias<sup>50</sup>. A criança saudável deveria apresentar-se limpa, evitando infecções diversas. Além disso, o trecho citado permite identificar o modelo de criança para o qual o médico escreve. Enquanto o público-alvo dos textos eram as mães, as crianças modelos parecem ser os meninos, o que aponta para possíveis discussões futuras que recorram aos debates sobre gênero.

O médico entende ainda que, além de manter-se a limpeza das roupas, seria necessário tomar cuidado com as roupas usadas: “há um grande perigo no uso de roupas que serviram a outras crianças, e as consequências dessa utilização se vê, muito frequentemente, das classes menos protegidas economicamente<sup>51</sup>. Neste caso em específico, o autor aponta um problema que, segundo ele, é intensificado nas classes menos abastadas, uma vez que tendem a utilizar roupas que já pertenceram a outras crianças. Adayr não proíbe o uso de roupa usada, desde que seja “[...] antes de qualquer uso ou conserto, fervidas, adicionando-se à água um antisséptico qualquer (por exemplo: formol, 100,0; água, 5000,0), e durando a fervura cerca de uma hora, em recipiente fechado<sup>52</sup>”.

Outros dois elementos que perpassam a representação de criança asseada são o médico de família e a escola. Em relação ao primeiro, o médico entende como peça fundamental para manter o asseio da criança saudável, destacando que: “e assim é que vejo como coisa necessária buscar o concurso de uma figura que, entre nós, já pertence ao passado e que tantos benefícios proporcionam à sociedade, que é – *o médico da família*”<sup>53</sup>.

Em relação à instituição escolar, o médico entende-a como espaço de colaboração como as questões sanitárias: “E assim é que hoje, faz-se nas escolas a profilaxia de todas as moléstias contagiosas, ensina-se à criança a ser asseada, a detestar o álcool, ensinam-se lhe ainda trabalhos manuais e domésticos e elementos de puericultura”<sup>54</sup>.

A criança bem asseada é diretamente ligada à criança nutrida e com físico, em especial a partir das atividades físicas entendidas como necessárias: “assim, podereis associar a ginastica ao banho e aos demais processos usados, e vereis desde logo que esses recursos se tornam capazes de produzir efeitos muitos maiores que sem o auxílio da ginástica”<sup>55</sup>.

Assim como a criança que bem brinca, a criança nutrida e com bom físico também é aquela que passeia, sendo que, “[...] antes e acima de tudo, observareis para o passeio da criança um horário certo, um horário semelhante ao do recreio, sendo unicamente que o passeio pode suceder ou preceder a refeição, indiferentemente”<sup>56</sup>. Embora possa preceder ou suceder as refeições, o passeio não pode contar com a ingestão de alimentos, podendo [a criança] somente ingerir água fria<sup>57</sup>.

Além da ginástica e do passeio, a criança nutrida e com bom físico é aquela que pratica educação física<sup>58</sup> em especial no recreio. Em relação ao recreio, Adayr destaca que “deve sempre, de preferência, preceder as refeições, e não vir depois delas”<sup>59</sup>. Conforme pode-se constatar, assim como nas indicações anteriores, o médico apresenta prescrições detalhadas, pautadas em concepções direcionadas pelo higienismo.

Além destas prescrições, a criança nutrida e com físico deve contar com visitas frequentes ao médico. Adayr recomenda que as visitas sejam periódicas, sendo a criança examinada a cada dois ou três meses, por um clínico<sup>60</sup>. A importância dada aos exames e consultas médicas regulares é tanta que, dão nome a um dos textos escritos pelo autor, “O exame médico periódico e a criança”, publicado em 25 de fevereiro de 1929. No texto supracitado, o autor aponta que as consultas regulares extrapolam a investigação biológica das crianças. Afirma ser partidário da escola psicanalista de Freud, Adayre, entender que:

[...] a maior vantagem que existe na prática do exame médico periódico, para o lado da vida mental da criança, é, exatamente, a da descoberta pensamentos e das emoções recalçados do consciente para o inconsciente e que podem explodir, mais tarde, numa psicose, muitas vezes sem causa aparente<sup>61</sup>.

Embora não afirme diretamente, é possível aferir que os exames periódicos possam estar associados à prevenção e ao diagnóstico prévio de quatro doenças e/ou vícios em especial: os males venéreos, a tuberculose, o vício em cocaína e o vício em morfina. A preocupação de prevenção destes “inimigo[s] terrível[s] da saúde pública”<sup>62</sup> coloca em contato as representações de criança nutrida e com bom físico com as representações da criança bem comportada/educada. Com tal característica, a criança bem educada/comportada é aquela que, dentre outras questões, não tem contato com estas doenças/vícios.

Em relação ao mal venéreo, Adayr afirma que é inimigo “da tranquilidade e do progresso das nações, vem sendo, desde um distante passado, objeto de estudo da parte dos governos que procuram prover o bem-estar público”<sup>63</sup>. Dessa forma, o autor entende que as doenças venéreas são uma preocupação não apenas local ou regional, mas sim de cunho geral, associando as nações. É desta forma que, “por toda a parte procura-se vencer o mal, quer buscando evitar a infecção, quer procurando curar os infectados”<sup>64</sup>.

Enquanto os males venéreos são compreendidos como um problema geral, a tuberculose é tomada pelo médico como uma preocupação especial para a capital gaúcha, uma vez que, “apesar dos reiterados apelos da população e das ponderações reiteradas de vários médicos, Porto Alegre tem vivido em uma carência desalentadora de organização sanitária”<sup>65</sup>. Nos seus textos, Adayr alerta para a precariedade do tratamento da doença, em especial na incapacidade da cidade em gerir um hospital especialmente destinado aos doentes, os quais deveriam ser mantidos em isolamento<sup>66</sup>. Além de alertar para as dificuldades dos hospitais em tratar da doença, o médico parece culpabilizar os infectados pelas transmissões, afirmando que:

Acresce ainda a circunstância de que o tuberculoso, em geral, oferece grande resistência aos hábitos higiênicos, procurando o contato dos demais doentes e o do homem são, de onde a necessidade de uma vigilância rigorosa, que dificilmente se pode exercer com sucesso em um hospital comum<sup>67</sup>.

O excerto indica que é latente a preocupação com a tuberculose e sua propagação, inclusive nos hospitais que, de acordo com Adayr, não estão preparados para o tratamento dos doentes. Sinaliza para a importância de preservar as crianças para que se tornem saudáveis. Além destas doenças, os vícios ganham destaque, em especial o uso da cocaína e da morfina.

Assim como a tuberculose, os vícios aparecem como uma preocupação local, em especial na capital gaúcha: “Porto Alegre vem sendo, de tempos a esta parte, impressionada vivamente, e com frequência, pelos escândalos ocasionados pelos chamados *vícios elegantes* e que, desgraçadamente, se expandem entre nós”<sup>68</sup>.

Dentre os chamados “vícios elegantes”, a preocupação do autor centra no uso da cocaína. Para destacar os perigos que esse vício pode representar para as crianças, no texto intitulado “A Cocaína”<sup>69</sup>, o autor afirma que, recentemente, a imprensa gaúcha teria registrado o caso de um menino chamado Oswaldo, o qual teria sido intoxicado em uma pensão de artistas de Porto Alegre. Segundo Adayr, “O caso de Oswaldo é mais um sinal de alarme para a nossa população, bem como para as autoridades sanitárias e policias do Estado. E assim é porque vem<sup>70</sup> por em relevo, depois de outros casos semelhantes, o sério perigo social que nos ameaça”<sup>71</sup>.

Além do perigo social que tal vício representa para as crianças, o médico destaca o perigo biológico, sendo ele causado pela própria cocaína ou por suas falsificações. É possível identificar que, além de um alerta para os riscos para as crianças, Adayr se dirige também a população em geral, tomando os infantes como exemplo das consequências do uso do tóxico e, destacando, que dentre as consequências de seu uso, está a possibilidade de desenvolvimento da tuberculose<sup>72</sup>.

Ainda dentre os vícios que deveriam ser afastados da criança bem comportada/educada, está o da morfina. Segundo o médico, “menos espalhado que o hábito do *pó da ilusão*, a morfínomania representa, no entanto, uma não menos terrível praga social”<sup>73</sup>. De acordo com os textos, tanto a cocaína quanto a morfina seriam causadoras da degradação dos indivíduos, tanto física quanto intelectual e moralmente<sup>74</sup>. Enquanto ao discutir a cocaína alertava para os perigos específicos da cidade de Porto Alegre, o uso de morfina é apresentado em forma ampla, uma vez que “[...] ela tende a desgraçar os povos com a fome, o frio, a luta e uma descendência degenerada”<sup>75</sup>.

Apesar da importância dada aos perigos das doenças e dos vícios, não é apenas o afastamento destes males que caracteriza a criança bem comportada/educada. Para Adayr, outros elementos constituem esta criança saudável, como o brincar correto. Este brincar se dá a partir das vivências da criança, como do recreio: “embora possa parecer a muita gente desnecessária uma metodização do recreio, à luz do senso higiênico, essa metodização se

impõe, e principalmente como preservativo eficaz de prováveis astenias (devidas a fadiga), acidentes e contágios”<sup>76</sup>.

Além do brincar correto, a criança bem educada/comportada é aquela que frequenta a escola após os sete anos, sendo que, antes disso, Adayr entende que a vida escolar levaria a “um esforço mental incompatível com a pequena resistência característica das idades inferiores, e capaz de produzir, futuramente perturbações físicas mais ou menos graves”<sup>77</sup>.

O autor atenta para a importância do papel do professor no processo de formação da criança bem educada/comportada. O médico destaca que os pais devem “romper com o velho e pernicioso hábito de pedir ao mestre *que puxe pela criança*. Porque já um eminente pedagogo dizia que a mente da criança era uma chama que se devia *alimentar e não uma caixa que se devia encher*”<sup>78</sup>.

Para o médico, tão logo se observem os lampejos da consciência viva da criança, deve-se começar a evitar os castigos corporais, procurando aconselhar as crianças. Adayr sugere que “procurareis fazer com que eles vejam nos pais, não nos senhores absolutos que lhes dão ordens, porem os amigos extremos que os aconselham”<sup>79</sup>. Para reforçar o desenvolvimento da criança saudável bem comportada/educada, o médico recomenda o uso da arte, em especial o da música e, posteriormente, quando souberem ler, o uso de trechos de obras literárias<sup>80</sup>.

Para finalizar, o médico destaca ainda que, embora alguns considerem importante o ensino religioso para o desenvolvimento do bom caráter da criança, discorda destas concepções. Para o médico, embora alguns casos de educação religiosa possam desenvolver bons resultados, “em muitos outros estes podem ser nulos e até haver prejuízo”<sup>81</sup>. Dispensando o ensino religioso, o médico defende que:

Em suma, hoje, quando a arte e a ciência fornecem a pedagogia material abundante para o desenvolvimento dos vossos filhos, não necessitamos senão de processos que unicamente estimulem os anseios naturais do moral infantil, garantindo na criança o desenvolvimento do sentimento de uma dignidade verdadeira, conservando-lhe e aumentando-lhe a confiança em si mesmo e a serenidade<sup>82</sup>.

Conforme pode-se observar, Adayr aposta na ciência e na arte como elementos que fundamentem a pedagogia contribuindo para o desenvolvimento de crianças saudáveis bem-comportadas e educadas. Embora predominem as preocupações com as questões biológicas da criança, o autor mobiliza alguns tensionamentos em relação às questões de âmbito psicológico e moral.

## Representações de criança saudável: apontamentos e continuidade da pesquisa

Ao longo desta investigação procurou-se mapear e analisar as representações de criança saudável inscritas no jornal *O Exemplo*, publicado na cidade de Porto Alegre. Para tanto, recorremos a um conjunto de 14 textos escritos pelo médico Adayr, publicados ao longo do primeiro semestre de 1929.

A primeira questão que fica posta é que, o público-alvo dos textos do médico Adayr eram as mães das crianças, possivelmente, mães de cor. Elas deveriam zelar pela higiene de seus filhos, ou seja, de oferecer, dentro de suas condições econômicas, a saúde, de que tanto carecem sua prole. Nesse sentido, as mães têm um papel educativo significativo para com a sociedade e, principalmente com a higienização da família.

A análise sistematizada dos textos permitiu mapear um conjunto de representações que estão pautadas a partir do discurso médico de Adayr, presente naquela sociedade e, identifica-se que a criança saudável é entendida como: a criança com noites bem dormidas; a criança bem vestida; a criança comportada/educada; a criança bem acompanhada; a criança que bem brinca; a criança aseada; e a criança nutrida e com bom físico.

Essas representações, circunscritas no jornal *O Exemplo*, são constituídas a partir de preocupações voltadas para as questões biológicas das crianças, fundamentadas nas ideias do higienismo. Embora em menor escala, observa-se a preocupação com questões psicológicas e de ordem moral.

As representações elencadas são construídas a partir de preocupações com questões de ordem macro, envolvendo o país e, também, de ordem local. Isso porque os discursos difundidos através deste impresso estavam carregados de preceitos vindos da área médica. Nesse sentido, o médico Adayr não estava alheio às questões atinentes a higiene, tecendo a imagem da criança saudável esperada para a sociedade.

Ao mapear e analisar, de modo geral, as representações de crianças saudáveis escritas pelo médico Adayr para o jornal *O Exemplo*, demarca-se esse texto, como fundante para o desenvolvimento de outras produções, ou seja, para construção de um quadro analítico mais acurado dessas representações e, de como essas comparecem no tempo presente.

Assim, o presente texto provoca a refletir sobre em que medida e de que maneira o discurso médico de Adayr foram, até aqui, colocados em prática em Porto Alegre e em outras cidades do Brasil no qual esse impresso circulava? Houve aceitação? Quais os resultados?

Qual o estado atual dessas questões debatidas pelo médico Adayr? Quais perspectivas se apresentam para pensar a saúde da criança no presente?

Por fim, respeitando os limites editoriais quanto ao formato e as finalidades deste texto, ao mesmo tempo em que respeitado o cuidado de não super simplificar a análise, essas são as principais indagações a serem, se não respondidas face à sua complexidade, ao menos analisadas na continuidade da pesquisa, em futuras publicações.

## Notas

<sup>1</sup> O periódico refere-se a Adayr sempre como doutor. Considerando sua formação em medicina, optou-se, em alguns momentos, por utilizar a palavra médico, uma vez que se refere à profissão que o mesmo exercia.

<sup>2</sup> BURKE, Peter. O que é história cultural? Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

<sup>3</sup> De acordo com Antoine Prost (2015), a corrente historiográfica conhecida como *Annales* emergiu a partir da revista francesa *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada em 1929 por March Bloch e Lucien Febvre. A novidade dos *Annales* não estava no método, mas nos objetivos e questões estabelecidas. Os fundadores da revista propunham uma histórica econômica e social, acolhendo o trabalho de disciplinas como a sociologia, a economia e a geografia. As novas questões estabelecidas permitiam compreender a um só tempo o todo e as partes, configurando uma história mais viva, rica e inteligente.

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. DIFEL, Lisboa 1987, p. 17.

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011, p. 23.

<sup>6</sup> As transcrições mencionadas referem-se aos textos especificamente analisados neste estudo.

<sup>7</sup> Para saber mais sobre o jornal *O Exemplo*, ver: SOUSA, Ricardo Costa de. *Instrução e circulação da palavra escrita: o caso do jornal O Exemplo (Porto Alegre, RS, 1892-1930)*. 2019. 241 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre/RS, 2019.

<sup>8</sup> POPHIN, Jeremy D. Jornais: a nova face das notícias. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (org). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: Editora da USP, 1996.

<sup>9</sup> Naquele momento histórico, ainda que, conforme Pophin (1996, p. 206), os baixos níveis de alfabetização da população de muitas regiões da França tenham impedido que os jornais atingissem diretamente boa parte da população adulta da época, o acesso aos periódicos também acontecia por meio da leitura em voz alta realizada nas comunidades.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 199.

<sup>11</sup> LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil* São Paulo: Contexto, 2008, p. 154.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 158.

<sup>13</sup> CORSETTI, Berenice. Cultura política positivista e educação no Rio Grande do Sul/Brasil (1889/1930). *Cadernos de Educação: FaE/PPGEDU/UFPel*. Pelotas, julho/dezembro, 2008.

<sup>14</sup> *O EXEMPLO*, 11 dez. 1892.

<sup>15</sup> *Ibidem*

<sup>16</sup> Sousa, Op. Cit, 2019.

<sup>17</sup> VIEIRA, Diogo de Moraes; ZUBARAN, Maria Angélica. *A produção da identidade afro-brasileira no pós-abolição: Imprensa negra em Porto Alegre (1902-1910)*. Revista de Iniciação Científica da ULBRA, Canoas, 2006.

<sup>18</sup> STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e História da Educação. In: STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. VIII – Século XX: Vozes, 2005. p. 416-429.

<sup>19</sup> MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo Nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

<sup>20</sup> STEPHANOU; BASTOS, Op. cit., 2005; MAGALHÃES. Op. cit., 2004.

- <sup>21</sup> ARIÈS, Phelippe. *História Social da Criança e da família*. Ed. LTC, 1981.
- <sup>22</sup> *Ibidem*.
- <sup>23</sup> Sousa, Op. Cit, 2019.
- <sup>24</sup> ANPUH. *GT História da Saúde e das Doenças da ANPUH*. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/grupos-de-trabalho/atividades/item/305-gt-historia-da-saude-e-das-doencas>. Acesso em: 11/01/2021.
- <sup>25</sup> CHARTIER. Op. cit., 1987, 2011.
- <sup>26</sup> De acordo com Maria Stephanou (1999), Adayr Figueiredo foi um médico gaúcho que, assim como outros de seus contemporâneos, escreveu para jornais populares de circulação na época. A autora identifica textos do médico na Revista do Globo e no Jornal Correio do Povo, ambos de 1933. Ricardo Sousa (2019), por sua vez, aponta que, tendo nascido em 1907, o médico foi redator do Jornal *A Federação* (1933-1934), membro da Ação Republicana Liberal (ligada ao PRL), membro da Academia Rio-grandense de Letras e redator da Revista da Sociedade de Medicina, pelo menos ao longo do ano de 1936. O autor destaca ainda que, dentre os escritos do médico para o jornal *O Exemplo*, é possível encontrar poesias, publicadas ao longo dos anos de 1926 e 1927.
- <sup>27</sup> O valor do jornal variou ao longo da sua existência. Para o ano em análise, o periódico possuía quatro valores: no sistema de assinaturas, podendo ser anual, semestral ou trimestral e, no formato avulso.
- <sup>28</sup> A década de 1920, do jornal *O Exemplo*, encontra-se disponível em <http://www.ihgrgs.org.br/hemeroteca.html>
- <sup>29</sup> *O EXEMPLO*, 04 fev. 1929, p. 2.
- <sup>30</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- <sup>31</sup> De acordo com Louro (2000), os argumentos religiosos e higienistas responsabilizavam as mulheres pela manutenção de uma família saudável. Dessa forma, além do cuidado dos maridos e filhos, observa-se um processo de feminização de algumas profissões, como as de professora e enfermeira. Para a autora (2000), estas transformações estão diretamente ligadas às relações de gênero e às representações de masculino e feminino, nas quais, às mulheres estariam direcionadas à promoção do cuidado, seja como profissão ou no seu papel doméstico.
- <sup>32</sup> *O EXEMPLO*, 02 jan. 1929, p. 12.
- <sup>33</sup> *O EXEMPLO*, 02 jan. 1929, p. 12.
- <sup>34</sup> *O EXEMPLO*, 02 jan. 1929, p. 12.
- <sup>35</sup> *O EXEMPLO*, 02 jan. 1929, p. 12.
- <sup>36</sup> *O EXEMPLO*, 4 fev. 1929, p. 2.
- <sup>37</sup> *O Exemplo*, 11 fev. 1929, p. 2.
- <sup>38</sup> *O EXEMPLO*, 02 jan. 1929, p. 12.
- <sup>39</sup> *O EXEMPLO* 11 fev. 1929, p. 2
- <sup>40</sup> CHARTIER. Op. cit., 1987, 2011.
- <sup>41</sup> BARRÁN, José Pedro. *Medicina y sociedad em el Uruguay de novecientos: la invencion del cuerpo*. Tomo 3. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 1995.
- <sup>42</sup> *Ibidem*.
- <sup>43</sup> *O EXEMPLO*, 11 fev. 1929.
- <sup>44</sup> *O EXEMPLO* 18 fev. 1929, 2.
- <sup>45</sup> *O EXEMPLO*, 25 jan. 1929, p. 2; *O EXEMPLO*, 04 fev. 1929, p. 2.
- <sup>46</sup> SILVA, Eduardo Cristiano Hass. da, BRITO, Estela Denise Schütz; AGUIAR, Christiano Roberto Lima de. História das infâncias em São Leopoldo/RS: Os brinquedos e a cultura lúdica do brincar em uma cidade de colonização alemã no sul do Brasil (Início Do Século XX). *Revista Escritas*, 12(2), 165–186, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/8463>
- <sup>47</sup> *O EXEMPLO*, 04 fev. 1929, p. 2.
- <sup>48</sup> *O EXEMPLO*, 04 de fev. 1929, 2.
- <sup>49</sup> *O EXEMPLO*, 25 jan. 1929, p. 2.
- <sup>50</sup> *O EXEMPLO*, 11 fev. 1929, p. 2.
- <sup>51</sup> *O EXEMPLO*, 11 fev. 1929, p. 2.
- <sup>52</sup> *O EXEMPLO*, 11 fev. 1929, p. 2.
- <sup>53</sup> *O EXEMPLO*, 15 de abr. 1929, p. 1, *grifo no original*.
- <sup>54</sup> *O Exemplo*, 20 maio. 1929, p. 1.
- <sup>55</sup> (*O EXEMPLO*, 18 de fev. 1929, p. 2.
- <sup>56</sup> *O EXEMPLO*, 04 de fev. 1929, p. 2.
- <sup>57</sup> *O EXEMPLO*, 04 de fev. 1929, p. 2.
- <sup>58</sup> *O EXEMPLO*, 18 de fev. 1929, p. 2.

- <sup>59</sup> *O EXEMPLO*, 25 de jan. 1929, p. 2.  
<sup>60</sup> *O EXEMPLO*, 18 de fev. 1929, p. 2.  
<sup>61</sup> *O EXEMPLO*, 25 de fev. 1929, p. 1.  
<sup>62</sup> *O EXEMPLO*, 04 mar. 1929, p. 1).  
<sup>63</sup> *O EXEMPLO*, 04 mar. 1929, p. 1.  
<sup>64</sup> *O Exemplo*, 04 mar. 1929, p. 1.  
<sup>65</sup> *O EXEMPLO*, 11 mar. 1929, p. 1.  
<sup>66</sup> *O EXEMPLO*, 11 mar. 1929, p. 1.  
<sup>67</sup> *O EXEMPLO*, 11 fev. 1929, p. 2.  
<sup>68</sup> *O EXEMPLO*, 22 de abr. 1929, p. 1, *grifo do autor*.  
<sup>69</sup> *O EXEMPLO*, 22 de abr. 1929, p. 1.  
<sup>70</sup> *O EXEMPLO*, 22 de abr. 1929, p. 1.  
<sup>71</sup> *O EXEMPLO*, 22 de abr. 1929, p. 1.  
<sup>72</sup> *O EXEMPLO*, 22 de abr. 1929, p. 1.  
<sup>73</sup> *O EXEMPLO*, 22 de abr. 1929, p. 1, *grifo do autor*.  
<sup>74</sup> *O EXEMPLO*, 29 abr. 1929, p. 1.  
<sup>75</sup> *O EXEMPLO*, 29 abr. 1929, p. 1.  
<sup>76</sup> *O EXEMPLO*, 25 de jan. 1929, p. 2.  
<sup>77</sup> *O EXEMPLO*, 18 fev. 1929, p. 2.  
<sup>78</sup> *O EXEMPLO*, 18 de fev. 1929, p. 2. *grifo do autor*.  
<sup>79</sup> *O EXEMPLO*, 18 fev. 1929, p. 2.  
<sup>80</sup> *O EXEMPLO*, 18 fev. 1929, p. 2.  
<sup>81</sup> *O EXEMPLO*, 18 fev. 1929, p. 2.  
<sup>82</sup> *O Exemplo*, 18 fev. 1929.

## Referências

ANPUH. *GT História da Saúde e das Doenças da ANPUH*. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/grupos-de-trabalho/atividades/item/305-gt-historia-da-saude-e-das-doencas>. Acesso em: 11/01/2021.

ARIÈS, Phelippe. **História Social da Criança e da família**. Ed. LTC, 1981.

BARRÁN, José Pedro. *Medicina y sociedad em el Uruguay de novecientos: la invencion del cuerpo*. Tomo 3. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 1995.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. DIFEL, Lisboa 1987.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.

CORSETTI, Berenice. Cultura política positivista e educação no Rio Grande do Sul/Brasil (1889/1930). *Cadernos de Educação: FaE/PPGEDU/UFPel*. Pelotas, julho/dezembro, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2000.

---

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil* São Paulo: Contexto, 2008.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo Nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

*O Exemplo*. Como dormirão os nossos filhos, p.12, 02/01/1929.

*O Exemplo*. Como brincarão vossos filhos, p. 4, 25/01/1929.

*O Exemplo*. Como passearão vossos filhos, p. 2, 04/02/1929.

*O Exemplo*. Como vestireis vossos filhos, p. 2, 11/02/1929.

*O Exemplo*, Como educareis vossos filhos, p. 2, 18/02/1929.

*O Exemplo*, O exame médico periódico e a criança, p. 1, 25/02/1929.

*O Exemplo*, A regulamentação do meretrício, p. 1, 04/03/1929.

*O Exemplo*, A hospitalização do tuberculoso, p. 1, 11/03/1929.

*O Exemplo*, Nova orientação à educação sanitária, p. 1, 15/04/1929.

*O Exemplo*, A cocaína, p. 1, 22/04/1929.

*O Exemplo*, A morfina, p.1, 29/04/1929.

*O Exemplo*, A grandeza da raça, p. 2-3, 13/05/1929.

*O Exemplo*, A higiene na escola primária, p. 1, 20/05/1929.

*O Exemplo*, Profilaxia escolar, p. 2, 27/05/1929.

POPHIN, Jeremy D. Jornais: a nova face das notícias. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (org). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: Editora da USP, 1996.

PROST, Antoine. *Doze Lições sobre História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Eduardo Cristiano Hass. da, BRITO, Estela Denise Schütz; AGUIAR, Christiano Roberto Lima de. História das infâncias em São Leopoldo/RS: Os brinquedos e a cultura lúdica do brincar em uma cidade de colonização alemã no sul do Brasil (Início Do Século XX). *Revista Escritas*, 12(2), 165–186, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/8463>.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A educação da mulher e da criança no Brasil Colônia. In: STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Século XVI - XVIII*: Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUSA, Ricardo Costa de. *Instrução e circulação da palavra escrita: o caso do jornal O Exemplo* (Porto Alegre, RS, 1892-1930). 2019. 241 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre/RS, 2019.

STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e História da Educação. In: STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. VIII – Século XX: Vozes, 2005. p. 416-429.

STEPHANOU, Maria. *Tratar e Educar: discursos médicos nas primeiras décadas do século XX*. (Tese). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

VIEIRA, Diogo de Moraes; ZUBARAN, Maria Angélica. *A produção da identidade afro-brasileira no pós-abolição: Imprensa negra em Porto Alegre (1902-1910)*. Revista de Iniciação Científica da ULBRA, Canoas, 2006.